

LIÇÃO 2 - Substância como Forma, como Matéria e como Corpo. A Prioridade da Forma. O Procedimento na Investigação da Substância

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 3 e 4: 1028b 33-1029b 12

“ 568. O termo substância é usado principalmente para quatro coisas, senão para mais; pois a essência (ou quicidade) e o universal e o gênero parecem ser a substância de cada coisa, e, em quarto lugar, o sujeito. Ora, o sujeito é aquilo de que as outras coisas são predicadas, enquanto ele próprio não é predicado de nenhuma outra coisa. E por essa razão é necessário primeiro estabelecer a verdade sobre isso, porque este primeiro sujeito parece, no sentido mais verdadeiro, ser substância.

569. Ora, em um sentido, diz-se que a matéria é o sujeito; em outro, a forma; e em ainda outro, a coisa composta por estas. Por matéria entendo o bronze, por forma a figura específica, e pela coisa composta por estas a estátua inteira.

570. Se, então, o princípio específico é anterior à matéria e é ser em maior grau, pela mesma razão será também anterior à coisa composta por estas. Esboçamos agora o que é a substância, a saber, que não é o que é predicado de um sujeito, mas aquilo de que todas as outras coisas são predicadas. No entanto, não se deve considerá-la apenas dessa maneira; pois isso não é suficiente, já que isto é evidente.

571. E deste ponto de vista, a matéria é substância; pois, se não o for, escapamos dizer o que mais o é. Quando se retira tudo o mais, nada além da matéria parece restar, porque as outras coisas são afecções, atividades e potências dos

corpos. E comprimento, largura e profundidade são quantidades, e não substâncias; pois a quantidade não é substância, mas a substância é, antes, a primeira coisa à qual estas pertencem. Mas quando comprimento, largura e profundidade são retirados, vemos que nada resta, a menos que haja algo que seja limitado por eles. Daí que, para aqueles que consideram a situação dessa maneira, apenas a matéria deve parecer ser substância.

572. E por matéria entendo aquilo que, em si mesmo, não é nem uma quicidade, nem uma quantidade, nem nada expresso por qualquer das outras categorias pelas quais o ser é determinado. Pois há algo de que cada uma destas coisas é predicada, cujo ser é diferente do de cada uma das outras categorias, porque as outras são predicadas da substância, mas isto é predicado da matéria. Portanto, o sujeito último é, em si mesmo, nem uma quicidade, nem uma quantidade, nem qualquer outra coisa. Tampouco é as negações destas, pois também elas lhe serão acidentais. Logo, para aqueles que refletem sobre a questão, segue-se destes argumentos que a matéria é substância.

573. Mas isto é impossível; pois existir separadamente e ser uma coisa particular parecem pertencer principalmente à substância; e por esta razão parece que o princípio específico e a coisa composta de ambos, o princípio específico e a matéria, são substância em maior grau do que a matéria.

574. Contudo, essa substância que agora é composta de ambos (quero dizer, de forma e matéria) deve ser deixada de lado; pois é posterior e evidente à vista. E a matéria também é, de certo modo, evidente. Mas é necessário investigar o terceiro tipo de substância, pois este é o mais perplexo.

575. Ora, alguns admitem que entre as coisas sensíveis existem substâncias, e, portanto, estas devem ser investigadas primeiro.

Capítulo 4

576. Uma vez que estabelecemos no início (568) os diferentes sentidos em que dividimos o termo substância, e que um deles parece ser a essência de uma coisa, esta deve ser investigada.

577. Pois esta é uma tarefa preparatória para que se possa passar ao que é mais cognoscível, porque a aprendizagem é adquirida por todos desta maneira, procedendo das coisas que são menos cognoscíveis por natureza para aquelas que são mais cognoscíveis. E assim como nas questões práticas a tarefa de alguém é proceder das coisas que são boas para cada indivíduo para aquelas que são totalmente boas e boas para cada um, de maneira similar nossa tarefa agora é proceder das coisas que são mais cognoscíveis para nós para aquelas que são mais cognoscíveis por natureza. Mas o que é cognoscível e primeiro para os homens individuais é frequentemente apenas ligeiramente cognoscível

e tem pouco ou nada de ser. No entanto, partindo do que é apenas ligeiramente cognoscível, mas cognoscível para si mesmo, devemos tentar adquirir conhecimento das coisas que são totalmente cognoscíveis, procedendo, como foi dito, por meio das próprias coisas que são cognoscíveis para nós.

COMENTÁRIO

Diferentes significados de substância

1270. Tendo mostrado que o objetivo principal desta ciência é estudar a substância, ele começa agora a estabelecer a verdade sobre a substância. Esta parte divide-se em duas seções. Na primeira (1270), ele explica o método e a ordem a serem seguidos no tratamento da substância. Na segunda (1306), ele prossegue com o tratamento da substância ("E, primeiramente, façamos").

Ele explica o método e a ordem a serem seguidos no tratamento da substância, distinguindo seus diferentes sentidos; e explicando qual desses sentidos deve ser tratado primária e principalmente, qual deles deve ser omitido e qual deve ser considerado anterior ou posterior. Portanto, a primeira parte divide-se em três seções, de acordo com as divisões e subdivisões da substância que ele apresenta. Esta segunda parte (1276) começa onde ele diz: "Agora, em um sentido". A terceira (1297) começa onde ele diz: "Agora, alguns".

Assim, ele diz, primeiramente, que o termo substância é usado de pelo menos quatro maneiras, senão "de mais", i.e., em mais sentidos. Pois há vários sentidos nos quais alguns falam de substância, como fica claro no caso daqueles que disseram que os limites dos corpos são substâncias, sentido que ele descarta aqui.

(1) Ora, o primeiro desses sentidos é aquele no qual a essência de uma coisa, i.e., sua quiddidade, estrutura essencial ou natureza, é chamada de sua substância.

1271. (2) O segundo sentido é aquele no qual "o universal" é chamado de substância de uma coisa, de acordo com a opinião daqueles que sustentam que as Ideias são Formas separadas, que são os universais predicados das coisas particulares e as substâncias dessas coisas particulares.

1272. (3) O terceiro sentido é aquele no qual "o primeiro gênero parece ser a substância de cada coisa"; e, neste sentido, eles afirmam que a unidade e o ser são as substâncias de todas as coisas e seus primeiros gêneros.

1273. (4) O quarto sentido é aquele no qual "o sujeito", i.e., uma substância particular, é chamado de substância. Ora, sujeito significa aquilo do qual outras coisas são predicadas, seja como os superiores são predicados dos inferiores, por exemplo, gêneros, espécies e diferenças; seja como os acidentes comuns e próprios são predicados de um sujeito, por exemplo, como homem, animal, racional, capaz de rir e branco são predicados de Sócrates. No entanto, um sujeito não é ele mesmo predicado de qualquer outra coisa, e isso deve ser entendido essencialmente. Pois nada impede que Sócrates seja predicado acidentalmente desta coisa branca ou de animal ou de homem, porque Sócrates é a coisa da qual branco ou animal ou homem é um acidente. Pois é

evidente que o sujeito do qual se fala aqui é o que é chamado de primeira substância nas *Categorias*, pois a definição de sujeito dada aqui e a de primeira substância dada ali são as mesmas.

1274. Portanto, ele conclui que é necessário estabelecer a verdade "sobre esta", i.e., sobre este sujeito ou primeira substância, porque tal sujeito parece, no sentido mais verdadeiro, ser substância. Por isso, nas *Categorias*, diz-se que tal substância é dita substância própria, principal e principalmente. Pois substâncias deste tipo são, por sua própria natureza, os sujeitos de todas as outras coisas, a saber, das espécies, gêneros e acidentes; enquanto a segunda substância, i.e., gêneros e espécies, são os sujeitos apenas dos acidentes. E elas também têm esta natureza apenas em razão destas primeiras substâncias; pois o homem é branco na medida em que este homem é branco.

1275. Portanto, é evidente que a divisão da substância dada aqui é quase a mesma que a dada nas *Categorias*, pois por sujeito aqui se entende a primeira substância. E o que ele chamou de gênero e universal, que parecem pertencer ao gênero e à espécie, estão contidos sob as segundas substâncias.

No entanto, a essência, que é dada aqui, é omitida naquela obra, porque pertence à ordem predicamental apenas como princípio; pois ela não é nem ($\emptyset$) gênero, ~~nem ($\emptyset$) espécie~~, nem ($\sim$) coisa individual, mas é (+) o princípio formal de todas essas coisas.

1276. Agora, em um sentido (569).

Aqui ele subdivide o quarto sentido de substância dado em sua divisão original, i.e., substância no sentido de sujeito; e quanto a isso ele faz três coisas. Primeiro, ele apresenta esta subdivisão. Segundo (570:C 1278), ele compara as partes desta subdivisão entre si ("Se, então"). Terceiro (574:C 1294), ele mostra como as partes desta divisão devem ser tratadas ("Contudo, aquela substância").

Assim, ele diz, primeiramente (569), que um sujeito no sentido de uma primeira ou substância particular divide-se em três partes, i.e., em matéria, forma e a coisa composta destas. Esta divisão não é de gênero em espécies, mas de um predicado análogo, que é predicado em um sentido primário e em um sentido derivado daquelas coisas que estão contidas sob ele. Pois tanto o composto quanto a matéria e a forma são chamados de substâncias particulares, mas não na mesma ordem; e, portanto, mais adiante (573:C 1291), ele investiga qual destas tem prioridade como substância.

1277. Para esclarecer esta parte de sua divisão, ele extrai um exemplo do campo dos artefatos, dizendo que o bronze é como a matéria, a figura como "a forma especificante", i.e., o princípio que dá a uma coisa sua espécie, e a estátua como a coisa composta destes. Este exemplo não deve ser entendido como expressando a situação como ela realmente é, mas apenas segundo uma semelhança proporcional; pois a figura e outras formas produzidas pela arte não são substâncias, mas acidentes. Mas, uma vez que a figura está relacionada ao bronze no reino dos artefatos assim como a forma substancial está relacionada à matéria no reino dos corpos naturais, ele usa este exemplo na medida em que explica o desconhecido por meio do evidente.

1278. Se, então (570).

Aqui ele compara as partes da divisão anterior entre si; e a respeito disso, faz três coisas. Primeiro (570), explica que a forma é substância em maior grau do que o composto. Segundo (571:C 1281), explica que alguns homens opinavam que a matéria constitui a substância no sentido mais verdadeiro ("E a partir disso"). Terceiro (573:C 1291), mostra que a forma e o composto são substância em maior grau do que a matéria ("Mas isso é impossível").

Diz, portanto, primeiro (570), "que o princípio especificador", i.e., a forma, é anterior à matéria. Pois a matéria é um ser em potência, e o princípio especificador é sua atualidade; e a atualidade é anterior à potência na natureza. E, absolutamente falando, é anterior no tempo, porque a potência só é levada à atualidade por meio de algo atual; embora em um mesmo sujeito, que é ora potência e ora atual, a potência seja anterior à atualidade no tempo. Portanto, fica claro que a forma é anterior à matéria e que também é ser em maior grau do que a matéria; porque aquilo pelo qual algo é tal, é mais tal. Ora, a matéria só se torna ser atual por meio da forma. Logo, a forma deve ser ser em maior grau do que a matéria.

1279. E a partir disso, segue-se novamente, pela mesma razão, que a forma é anterior à coisa composta de ambas, na medida em que há algo no composto que tem a natureza da matéria. Assim, o composto partilha de algo que é secundário na natureza, i.e., a matéria. E também é claro que a matéria e a forma são princípios do composto. Ora, os princípios de uma coisa são anteriores a essa coisa. Portanto, se a forma é anterior à matéria, será anterior ao composto.

1280. E como poderia parecer a alguém, pelo fato de o Filósofo apresentar todos os sentidos em que o termo substância é usado, que isso basta para o conhecimento do que é a substância, ele acrescenta que "agora apenas esboçamos" o que é a substância; i.e., afirmamos apenas de modo universal que a substância não é o que se predica de um sujeito, mas aquilo de que as outras coisas são predicadas. Mas não se deve compreender a substância e as outras coisas apenas desta maneira, i.e., por meio de uma definição universal e lógica; pois isso não é base suficiente para conhecer a natureza de uma coisa, porque a própria fórmula dada para tal definição é evidente. Pois os princípios de uma coisa, dos quais depende o conhecimento dela, não são mencionados numa definição desse tipo, mas apenas alguma condição comum da coisa pela qual se transmite tal conhecimento.

1281. E a partir deste ponto (571).

Ele examina a opinião de que a matéria é substância no sentido mais verdadeiro; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro (571), apresenta o argumento pelo qual os filósofos antigos sustentavam que a matéria é mais verdadeira e unicamente substância. Segundo (572:C 1285), explica o que é a matéria ("E por matéria").

Diz, portanto, primeiro, que não apenas a forma e o composto são substância, mas também a matéria o é, segundo o argumento mencionado acima, pois se a própria matéria não é substância, escapa-nos dizer que outra coisa, além da matéria, é substância. Pois, se os outros atributos, que claramente não são substância, são retirados dos corpos sensíveis, nos quais a substância é claramente aparente, parece que a única coisa que resta é a matéria.

1282. Pois nesses corpos sensíveis, que todos os homens admitem serem substâncias, há certos atributos, como as afecções dos corpos, por exemplo, quente e frio e coisas semelhantes, que evidentemente não são substâncias. E nesses corpos há também "certas atividades", i.e., processos de geração e corrupção e movimentos, que claramente não são substâncias. E neles há também potências, que são os princípios dessas atividades e movimentos, i.e., potências de agir e de ser afetado, que estão presentes nas coisas; e também é claro que estas não são substâncias, mas pertencem antes ao gênero da qualidade.

1283. E, após todas essas, encontramos dimensões nos corpos sensíveis, a saber, comprimento, largura e profundidade, que são quantidades e não substâncias. Pois é evidente que a quantidade não é substância, mas que a substância é aquilo a que as referidas dimensões pertencem como seu primeiro sujeito. Mas, quando essas dimensões são retiradas, nada parece restar senão o seu sujeito, que é limitado e diferenciado por dimensões desse tipo. E esse sujeito é a matéria; pois a quantidade dimensiva parece pertencer imediatamente à matéria, uma vez que a matéria é dividida de tal modo a receber formas diferentes em suas diferentes partes apenas por meio desse tipo de quantidade. Portanto, a partir de uma consideração desse tipo, parece seguir-se não apenas que a matéria é substância, mas que ela é a única substância.

1284. Ora, foi a ignorância da forma substancial que desencaminhou os filósofos antigos, levando-os a dar esse argumento; pois ainda não haviam progredido no conhecimento a ponto de sua mente ser elevada a algo além dos corpos sensíveis. Assim, eles consideravam apenas aquelas formas que são sensíveis próprios ou comuns; e é claro que tais atributos como branco e preto, grande e pequeno, e coisas semelhantes, são acidentes desse tipo. Mas uma forma substancial é perceptível apenas indiretamente, e, portanto, não adquiriram conhecimento dela a ponto de saberem distingui-la da matéria. De fato, diziam que todo o sujeito, que nós sustentamos ser composto de matéria e forma, é a matéria primeira, por exemplo, ar ou água ou algo do tipo. E chamavam de formas aquelas coisas que nós chamamos de acidentes, por exemplo, quantidades e qualidades, cujo sujeito próprio não é a matéria primeira, mas a substância composta, que é uma substância atual; pois é por causa dela que todo acidente é algo inerente a uma substância, como foi explicado (562:C 1254-56).

1285. E por matéria entendo (572).

Agora, como o argumento anterior, que mostra que apenas a matéria é substância, parece ter provindo da ignorância sobre a matéria, como foi apontado, ele, portanto, declara em seguida o que realmente é a matéria, como fica claro no Livro I da *Física*. Pois a matéria só pode ser adequadamente conhecida por si mesma por meio do movimento, e o seu estudo parece pertencer principalmente à filosofia da natureza. Por isso, o Filósofo também aceita aqui as características da matéria investigadas em seus tratados físicos, dizendo que "por matéria entendo aquilo que em si mesma", i.e., considerada essencialmente, "não é nem uma quantidade", i.e., uma substância, "nem uma quantidade nem qualquer das outras categorias em que o ser é dividido ou pelas quais se torna determinado".

1286. Isso é especialmente evidente no caso do movimento; pois, propriamente falando, o sujeito da mudança e do movimento deve diferir de cada um dos limites do movimento, como é provado no Livro I da *Física*. Ora, a matéria é o primeiro sujeito que subjaz não apenas àqueles movimentos

que são qualitativos e quantitativos, e àqueles que pertencem aos outros acidentes, mas também aos que são substanciais. Logo, deve diferir essencialmente de todas as formas substanciais e suas privações, que são os limites da geração e corrupção, e não apenas quantitativamente ou qualitativamente ou segundo os outros acidentes.

1287. No entanto, o Filósofo não usa o movimento para provar que a matéria difere de todas as formas (pois essa prova pertence à filosofia da natureza); mas usa o método da predicação, que é próprio da dialética e é próximo desta ciência, como ele diz no Livro IV (311:C 574). Por isso, diz que deve haver algum sujeito do qual todos os termos são predicados, mas de tal modo que o ser desse sujeito, do qual são predicados, difere do ser de cada uma das coisas que "são predicadas dele"; i.e., têm uma quiddidade ou essência diferente.

1288. Deve-se notar, porém, que o que foi dito aqui não pode ser entendido como aplicável à predicação unívoca, segundo a qual os gêneros são predicados das espécies em cujas definições são dados, porque homem e animal não diferem essencialmente; mas isso deve ser entendido como aplicável à predicação denominativa, como quando "branco" é predicado de homem, pois a quiddidade do branco difere da do homem. Por isso, acrescenta que os outros gêneros são predicados da substância dessa maneira, i.e., denominativamente, e que a substância é predicada da matéria denominativamente.

1289. Não se deve entender, portanto, que a substância atual (da qual falamos aqui) é predicada da matéria univocamente ou essencialmente; pois ele já havia dito acima que a matéria não é nem uma quiddidade nem nenhuma das outras categorias. Mas deve-se entender que ela é predicada denominativamente, do modo como os acidentes são predicados da substância. Pois, assim como a proposição "O homem é branco" é verdadeira, e a proposição "O homem é brancura" ou "A humanidade é brancura" não o é, de modo semelhante, a proposição "Esta coisa material é um homem" é verdadeira, e a proposição "A matéria é homem" ou "A matéria é humanidade" não o é. A predicação concretiva ou denominativa mostra, então, que, assim como a substância difere essencialmente dos acidentes, de modo semelhante a matéria difere essencialmente das formas substanciais. Donde se segue que o sujeito último, propriamente falando, "não é nem uma quiddidade", i.e., uma substância, nem uma quantidade nem nenhuma das outras coisas contidas em qualquer gênero dos seres.

1290. Nem as próprias negações podem ser predicadas essencialmente da matéria. Pois, assim como as formas são algo distinto da essência da matéria e, portanto, de certo modo estão relacionadas a ela acidentalmente, de modo semelhante as diferentes negações das formas, que são elas próprias privações, também pertencem à matéria acidentalmente. Pois, se pertencessem essencialmente à matéria, as formas nunca poderiam ser recebidas na matéria sem destruí-la. O Filósofo diz isso para rejeitar a opinião de Platão, que não distinguia entre privação e matéria, como se diz no Livro I da *Física*. Por fim, conclui que, para aqueles que ponderam a questão segundo os argumentos anteriores, segue-se que apenas a matéria é substância, como também concluiu o argumento precedente.

1291. Mas isso é impossível (573). Agora ele prova o contrário dessa conclusão, dizendo que a matéria sozinha não pode ser substância ou substância em grau máximo. Pois há duas características que parecem pertencer mais propriamente à substância. A primeira é que ela é

capaz de existência separada, pois um acidente não é separado de uma substância, mas uma substância pode ser separada de um acidente. A segunda é que a substância é uma coisa particular determinada, pois os outros gêneros não significam uma coisa particular.

1292. Ora, essas duas características — ser separável e ser uma coisa particular — não se aplicam à matéria; pois a matéria não pode existir por si mesma sem uma forma pela qual seja um ser atual, já que por si mesma é apenas potencial. E ela é uma coisa particular apenas mediante uma forma pela qual se torna atual. Logo, ser uma coisa particular pertence principalmente ao composto.

1293. É claro, então, "que o princípio especificador", i.e., a forma, e "a coisa composta de ambos", a saber, de matéria e forma, parecem ser substância em maior grau do que a matéria, porque o composto é tanto separável quanto uma coisa particular. Mas, embora a forma não seja separável e uma coisa particular, ela todavia se torna um ser atual por meio do próprio composto; e, portanto, desse modo pode ser tanto separável quanto uma coisa particular.

1294. No entanto, essa substância (574). Ele mostra como se deve proceder para tratar das partes dessa divisão da substância que foi seguida, i.e., a divisão da substância em matéria, forma e composto. Diz que, embora tanto a forma quanto o composto sejam substância em maior grau do que a matéria, é necessário agora deixar de lado o tipo de substância "que é composta de ambos", i.e., de matéria e forma; e há duas razões para isso.

1295. Uma razão é que ela é posterior a ambos na natureza, a saber, à matéria e à forma, assim como o composto é posterior aos elementos simples de que é composto. Logo, o conhecimento da matéria e da forma precede o conhecimento da substância composta.

1296. A outra razão é que esse tipo de substância "é manifesto à vista", i.e., evidente, pois é objeto da percepção sensorial; e, portanto, não é necessário deter-se no conhecimento dela. E, embora a matéria não seja posterior, mas de certo modo anterior, ainda assim de certo modo é evidente. Por isso ele diz "de certo modo", porque ela não tem por si mesma quaisquer características pelas quais possa ser conhecida, já que o princípio do conhecimento é a forma. Mas ela é conhecida por meio de uma analogia; pois, assim como as substâncias sensíveis desse tipo se relacionam com as formas artificiais, como a madeira se relaciona com a forma de um banco, assim também a matéria primeira se relaciona com as formas sensíveis. Por isso se diz na *Física*, Livro I, que a matéria primeira é conhecida por uma analogia. Segue-se, então, que devemos investigar o terceiro tipo de substância, a saber, a forma, porque esta é a mais enigmática.

1297. Ora, alguns admitem (575). Aqui ele explica o método, a ordem e o modo como devem ser tratadas as partes da terceira divisão da substância, na qual a substância se distingue entre as que são sensíveis e as que não são. Quanto a isso, faz três coisas.

1298. Primeiro, mostra o que deve ser feito logo de início com relação às substâncias sensíveis, porque essas substâncias sensíveis são admitidas por todos; pois todos admitem que algumas coisas sensíveis são substâncias. Mas nem todos admitem que existam substâncias que não são sensíveis. Logo, é necessário primeiro considerar as substâncias sensíveis como mais conhecidas.

1299. Uma vez que estabelecemos (576). Segundo, mostra o que deve ser estabelecido sobre as substâncias sensíveis. Diz que, como a substância foi dividida acima segundo os diferentes sentidos em que o termo é usado, dos quais um é a essência de uma coisa, i.e., sua quiddidade ou estrutura essencial, é portanto necessário primeiro investigar isso, mostrando o que constitui as quiddidades das substâncias sensíveis.

1300. Pois isto é (577).

Terceiro: ele apresenta a razão para a ordem de tratamento mencionada acima. Diz que devemos falar primeiro das essências das substâncias sensíveis, porque isso é "um trabalho preparatório", ou seja, uma obra preparatória e necessária para o nosso empreendimento, na medida em que passamos das substâncias sensíveis, que são mais evidentes para nós, para aquilo que "é mais cognoscível em sentido absoluto e por natureza", isto é, para as substâncias inteligíveis, nas quais estamos principalmente interessados. Pois o conhecimento é adquirido em todas as matérias, ou por todos os homens, procedendo daquelas coisas que são menos cognoscíveis por natureza para aquelas que são mais cognoscíveis por natureza.

1301. Uma vez que todo aprendizado procede daquelas coisas que são mais cognoscíveis para o aprendiz, que deve ter algum conhecimento prévio para aprender, devemos proceder ao aprendizado passando daquelas coisas que são mais cognoscíveis para nós, que frequentemente são menos cognoscíveis por natureza, para aquelas que são mais cognoscíveis por natureza, mas menos cognoscíveis para nós.

1302. Pois, no que diz respeito ao conhecimento das coisas que se inicia pelos sentidos, são aquelas coisas que estão mais próximas dos sentidos que são mais cognoscíveis. Mas são mais cognoscíveis por natureza aquelas que, em razão de sua própria natureza, são capazes de ser conhecidas. Ora, estas são as coisas que são mais atuais e são seres em maior grau. E estas estão fora do alcance da sensação. Mas as formas sensíveis são formas na matéria.

1303. Nas questões de aprendizado, então, é necessário proceder das coisas que são menos cognoscíveis por natureza para aquelas que são mais cognoscíveis. "E a tarefa de alguém é" a mesma aqui, ou seja, é necessário agir da mesma forma aqui, "como nas questões práticas", i.e., nas artes e potências ativas, nas quais vamos "das coisas que são boas para cada indivíduo", i.e., das coisas que são boas para esta pessoa e para aquela, para alcançar aquelas coisas que "são" totalmente boas, ou universalmente boas, e portanto boas para cada indivíduo. Pois a arte militar atinge a vitória de todo o exército, que é um certo bem comum, a partir das vitórias deste e daquele homem particular. E similarmente, a arte de construir, combinando pedras particulares, consegue construir uma casa inteira. E assim também, nas questões especulativas, devemos proceder daquelas coisas que são mais cognoscíveis para si mesmo, ou seja, para o aprendiz, a fim de alcançar aquelas que são cognoscíveis por natureza, que também acabam se tornando conhecidas para o aprendiz.

1304. Ora, isso não ocorre porque as coisas que são mais cognoscíveis para esta ou aquela pessoa são mais cognoscíveis em sentido absoluto; pois aquelas coisas que são "cognoscíveis para homens individuais", i.e., para este ou aquele homem particular, e são primeiras no processo de conhecer, são frequentemente apenas ligeiramente cognoscíveis por natureza. Isso acontece

porque elas têm pouco ou nada de ser; pois uma coisa é cognoscível na medida em que tem ser. Por exemplo, é evidente que os acidentes, movimentos e privações têm pouco ou nada de ser, no entanto, são mais cognoscíveis para nós do que as substâncias das coisas; pois estão mais próximos dos sentidos, já que por si mesmos caem sob a percepção sensorial como sensíveis próprios ou comuns. Mas as formas substanciais o fazem apenas acidentalmente.

1305. E ele diz "frequentemente" porque algumas vezes as mesmas coisas são mais cognoscíveis tanto para nós quanto por natureza, por exemplo, os objetos da matemática, que abstraem da matéria sensível. Portanto, em tais casos, procede-se sempre das coisas que são mais cognoscíveis por natureza, porque as mesmas coisas são mais cognoscíveis para nós. E, embora aquelas coisas que são mais cognoscíveis para nós sejam apenas ligeiramente cognoscíveis por natureza, ainda assim, a partir de coisas desse tipo que são apenas ligeiramente cognoscíveis por natureza (embora sejam mais cognoscíveis para o aprendiz), deve-se tentar conhecer as coisas que são "totalmente", i.e., universal e perfeitamente, cognoscíveis, avançando para o conhecimento de tais coisas por meio daquelas que são apenas ligeiramente cognoscíveis por natureza, como já foi explicado.

Revision #2

Created 16 September 2026 22:11:09 by Admin

Updated 16 September 2026 22:24:56 by Admin